

“MANUEL BANDEIRA NO DIÁRIO NACIONAL” *

Antonio Dimas

“O DIÁRIO NACIONAL inicia hoje esta seção, de caráter exclusivamente literário, em que oferece aos seus leitores a colaboração de alguns dos mais notáveis homens de letras do Brasil. Seção isenta de qualquer caráter político, os colaboradores dela são livres de possuírem idéias pessoais sobre qualquer assunto. O primeiro a aparecer é o poeta pernambucano Manuel Bandeira, cujo nome dispensaria qualquer apresentação. Poeta de personalidade inconfundível, como prosista Manuel Bandeira se distingue pela maneira nervosa e viva das suas frases, em que as idéias, sempre originais, adquirem um caráter incisivo de grande força.”

Sob essa nota da redação, pobremente redigida, Manuel Bandeira estreava no *Diário Nacional* (DN) de São Paulo a 10 de maio de 1930 com “Ah Jujú!”, crônica em que fazia reparos à *Viagem maravilhosa* de Graça Aranha e criticava as pretensões do escritor maranhense, afoito por tomar a liderança do Modernismo.

Oito anos depois da Semana de Arte Moderna, a efervescência literária cedia lugar para a efervescência política e o que se questionava já não era mais Coelho Neto ou Bilac, mas Washington Luís, que acaba sendo deposto em outubro de 1930. A imprensa, como seria de se esperar, teve atuação decisiva na derrubada da República Velha e o DN, fundado em 1927, aliava-se a outros órgãos nacionais (1) no combate incessante aos vícios políticos de então.

“O *Diário Nacional* é o órgão da oposição, do Partido Democrático; em suas páginas denuncia as irregularidades do PRP, proclamando-se defensor da liberdade e da democracia. Respondendo pela Redação, em 1927, está Sérgio Milliet (que aparece como Sérgio M. da Costa e Silva) e os amigos dos modernistas, Antônio Carlos Couto de Barros e Amadeu Amaral. Em 1929 junta-se a eles Paulo

(*) — Devo a sugestão deste trabalho à colega Profa. Telê Porto Ancona Lopez do IEB-USP. Ele foi apresentado no XVIII Congresso Internacional de Literatura Ibero-Americana, realizado no Rio em agosto de 1977.

(1) — SODRÉ, Nelson Werneck — *História da Imprensa no Brasil*. Rio, Civilização Brasileira, 1966, p. 424.

Duarte que, em 1931, estará na Direção. No momento da fundação, os diretores são Marrey Jr e Paulo Nogueira Filho, conceituados jornalistas de São Paulo.

O matutino é lançado significativamente a 14 de julho de 1927. Empenha-se na campanha do Partido Democrático, apóia a Revolução de 1930 e, depois dela, tornando-se oposição ao novo governo, acompanha a reação de 1932, sendo fechado a 28 de setembro do mesmo ano, depois da derrota paulista. [...] Nunca pôde gozar de boa situação financeira, mas suas páginas deram cobertura completa a todos os acontecimentos importantes no campo da Literatura, do Teatro, das Artes Plásticas e da Música” (2), tendo contado com a colaboração de Mário de Andrade, Lasar Segall, Prudente de Moraes Neto e outros.

Em posição de crítica sistemática à situação imediatamente anterior e posterior à Revolução de 30 (3), o DN funcionava como porta-voz da oligarquia paulista, aquela mesma que havia apoiado, por volta de 1922, a inquietação de alguns intelectuais e artistas. Não estranha, pois, que Mário de Andrade viesse, em 1927, a colaborar com esse jornal, dando prosseguimento a uma carreira jornalística que se iniciara em 1918.

Ao reivindicar a liberalização política do regime, a direção do DN entendia poder abrigar o inconformismo estético de Mário de Andrade. Dessa forma, mesmo depois da mudança de direção, em 1930, Mário continuava dando as cartas em termos de orientação artística, como confessava a Manuel Bandeira: “A direção nova, aliás feita já de pessoas da casa, não fez modificação alguma, pelo menos que me fosse comunicada. Em todo caso, vou lá com pretexto de saber se conservam minha colaboração e pergunto sobre você também. Mas acho que não modificarão nada, embora pro meu caso especial e que é mesmo todo especial a saída do Paulito seja muito desagradável, que êle, não sei por quê minúcias de ilusão, pois não somos nada do que se pode chamar de deveras “amigos”, sempre me prestou mão forte e firmou minha ditadura artística no jornal” (4)

(2) — ANDRADE, MÁRIO — *Taxi e Crônicas no Diário Nacional*. Estabel. de texto, introd. e notas de Têlé Porto Ancona Lopez, S.P., Duas Cidades Secretaria de Cultura. /1976/ p. 16.

(3) — Para uma boa visão sumária da turbulência política desse período, ver: Edgar CARONE — *Revoluções do Brasil contemporâneo, 1922-1938.*, SP., São Paulo Editora Ltda, 1965, “Coleção Buriti”. Principalmente Capítulo II, *A revolução triunfante*”.

(4) — BANDEIRA, Manuel (org.) — *Cartas de Mário de Andrade a...* Rio, Org. Simões Ed., 1958., p. 248. Carta de 16 out. 1930.

(5) — Id. ib., p. 242.

Foi exatamente graças a essa “ditadura artística” que Mário pôde individualizar e caracterizar as crônicas do DN, dando-lhes peso específico e abrindo o canto da página para outros colaboradores como Câmara Cascudo, de curta permanência, e Manuel Bandeira.

“Não fui mais que um intermediário de convite”, escrevia Mário para Manuel, “embora está claro, torcesse pra que você aceitasse. Suas crônicas são simplesmente adoráveis, continuo dizendo” (5). Esta carta, que data de 4 de julho de 1930, vinha em apoio a um poeta provavelmente desconfiado de sua versatilidade e que num determinado momento da carreira haveria de desabafar: “Saibam to-

dos que fora da poesia me sinto sempre um intruso.” (6) Torcendo pelo amigo da Irene preta, Irene boa, Mário dava um balanço provisório das oito crônicas já publicadas e instigava o companheiro a prosseguir, o que efetivamente acontece. Manuel Bandeira publica, então, mais 32 crônicas, algumas das quais são reaproveitadas, integral ou parcialmente, em *Crônicas da Província do Brasil* (1937), *Flauta de papel* (1957) e *Andorinha, Andorinha* (1966), uma coleção de textos inéditos organizados por Carlos Drummond de Andrade (7)

Cada livro desses tem sua própria história.

As *Crônicas da Província do Brasil* foram. tributo que a Civilização Brasileira prestou ao cronista por seus 50 anos e pelos vários livros traduzidos para a Casa. A *Flauta* veio a lume por insistência dos amigos Irineu Garcia, Lúcio Rangel e Paulo Mendes Campos, talvez numa homenagem aos 70 anos do autor. *Andorinha* é presente da José Olympio nos 80 anos.

Em 1958, Afrânio Coutinho organizava para a Editora José Aguilar dois volumes das obras completas do artista pernambucano, onde há vários estudos críticos assinados por intelectuais de renome. Todavia, apesar da pretensão implícita de obra abrangente, esse texto da Aguilar merece ressalvas, de natureza factual e editorial, pelo menos no que se refere às crônicas.

Assim é que a colaboração de Manuel Bandeira para o DN não começa em 1927 (vol. I, CIV), mas em 1930 *Província* não foi publicado em 1936 (I, CV), mas em 1937 *A Flauta*, não mencionada, embora a cronologia chegue até 1957, (I, CVI), foi publicada em 1957.

(6) — BANDEIRA, Manuel — *Itinerário de Pasárgada*. Rio, São José, 1957, p. 99.

(7) — Para maior comodidade, esses livros serão citados de forma abreviada durante a discussão. Assim, teremos, respectivamente: *Província*, *Flauta*, *Andorinha*. A edição das obras completas de Manuel Bandeira, publicada pela Ed. J. Aguilar, em 1958, será designada Aguilar, simplesmente.

No entanto, o deslize que reputamos mais sério em termos editoriais, refere-se às crônicas propriamente ditas. Ainda que o organizador Afrânio Coutinho reconheça as dificuldades de coletar o material disperso de Manuel Bandeira (“Nota editorial” ao vol. II), parece-nos inadequada a supressão de certas crônicas de *Província* (“De Vila Rica. ”, “O Aleijadinho” e “Carlos Drummond de Andrade”) mesmo com o argumento de “que a matéria delas foi aproveitada quase *ipsis litteris* em outras obras do autor” (II, 122) Ademais, a “Nota” que dá conta dessa supressão é ambígua, uma vez que nada diz ser ela de responsabilidade do organizador ou do cronista. Só o confronto com a edição original é que sana a dúvida.

A mesma incerteza editorial acompanha *Flauta* e em extensão maior ainda, já que ocorrem distorções mais comprometedoras. *Flauta* é reedição de crônicas menos caducas, segundo o critério explícito do cronista, mencionado na “Advertência” à edição original de 1957, e é edição também de novas outras publicadas no *Jornal do Brasil*. A edição Aguilar simplesmente suprimiu essa “Advertência” e juntou mais 154 crônicas às 59 editadas em 1957, sem nenhuma especificação.

Nosso objetivo aqui não é o de fazer emendas à edição Aguilar. Todavia, carece chamar a atenção do usuário para outras duas incorreções encontradas no índice do volume II. Onde se lê “Impressões de um cristão novo do racionalismo” (II, 1522), leia-se “regionalismo”; e onde se lê “Os 27 poemas da triste alegria” (II, 1524), leia-se “Os 25 ”

Eis, então, segundo ordem cronológica de publicação no DN, a relação das crônicas. Quando reaproveitadas, indicamos onde e como, se integra ou parcialmente; quando não, nada observamos.

AH JUJÚ!

10 mai. 1930

Sobre a primeira edição de *Viagem maravilhosa*.

Para M.B., Graça Aranha tem “imaginação espetaculosa”, mas “seu romance ganhou em unidade filosófica o que perdeu em análise introspectiva”

Sobre as pretensões de Graça quanto a orientar o Modernismo: “Graça Aranha captou a amizade dos rapazes com a sua inteligência, as suas maneiras, a sua alegria. Quando pensou que os tinha na mão, deu o golpe na Academia. Surgiram então as tais “fórmulas integrais” de que falou o Renato Almeida. Foi ali que se começou a ver as distâncias enormes que separavam o sr Graça Aranha dos rapazes que fundaram a KLAXON ”

ALGUMA POESIA

24 de mai. 1930

Crítica elogiosa a *Alguma poesia*, primeira edição do primeiro livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade. O cronista aponta o humor e a ternura como traços básicos do poeta mineiro.

[Com o nome “Carlos Drummond de Andrade” aparece, integralmente, em *Província*, p. 135. Em Aguilar, foi suprimida e reaproveitada parcialmente em “Poesia brasileira” um dos *Ensaio literários*, II, 1110.]

ARTE MODERNA

24 mai. 1930

Restrições à Exposição que Vicente do Rego Monteiro e Geo Charles promoveram no Rio: “força é confessar que quase todos senão todos os trabalhos que figuram na exposição, nem sequer podem representar satisfatoriamente a importância daqueles mestres [Braque, Picasso, Léger, Fujita] em qualquer momento da sua carreira. [...] Essa exposição [...] devia ter vindo vinte anos atrás.”

O MORRO EM POLVOROSA

31 mai. 1930

A emoção do cronista ao ver Zepelin sobrevoando o Rio: “o espetáculo era perturbantemente inédito.”

[Aproveitado integralmente em *Andorinha*, p. 370, com o nome “Zeppelin em Santa Teresa”]

MÚSICA & CO.

7 jun. 1930

Contra a falta de educação musical generalizada e a favor da formação de uma “sociedade de rádio” que se preocupasse em transmitir música de boa qualidade. Luciano Gallet como o homem indicado para fundá-la.

ANTONIETA RUDGE

14 jun. 1930

O pudor caracteriza as interpretações pianísticas de Antonieta Rudge e isso a aproxima de Machado de Assis, “simplíssimo na expressão, complicado no sentimento”

POETAS POR POETAS

21 jun. 1930

Apreciação crítica da riqueza rítmica na poesia de Guilherme de Almeida, poeta de uma “geração que impôs o ritmo livre à nossa poesia”

[Parcialmente reaproveitado em *Província*, p. 143, e na Aguilar, p. 181 Em ambos sob o nome de “Guilherme de Almeida”]

MONSIEUR SIGOGNE E D. PEDRO II 28 jun. 1930

Sobre o poeta belga Msieur Sigogne e a tradução de um de seus poemas por Pedro II.

[Aproveitamento parcial na Aguilar, p. 276, sob o nome “Uns versos de D Pedro II”]

SOBRE A NOSSA VIDA. 5 jul. 1930

Crítica áspera ao espetáculo de inauguração do Teatro João Caetano: a peça “ROSE MARIE é a apoteose do gosto burguês mais detestável.” Restrições à decoração “soi disant cubista” de Di Cavalcanti.

BRINCADEIRA NA ACADEMIA 19 jul. 1930

A indecisão da Academia Brasileira de Letras quanto à reforma ortográfica e sua incompetência *técnica* para resolver o problema.

O MITO PICASSO 26 de jul. 1930

Contra a mitificação crescente do pintor espanhol. Contra nosso provincianismo estético.

O ENTERRO DE SINHÔ 9 ago. 1930

“O que há de mais povo e de mais carioca tinha em Sinhô a sua personificação mais típica, mais genuína e mais profunda.”

[Integralmente aproveitado em *Província*, p. 107, *Flauta*, p. 34 e Aguilar, p. 160.]

ARQUITETURA 16 ago. 1930

Contra a mania de fachadas suntuosas e contra a ausência de definição nacional na arquitetura brasileira.

ANTONIO FRANCISCO LISBOA, O ALEIJADINHO 30 ago. 1930

Em comemoração ao segundo centenário de nascimento do escultor mineiro, o cronista traça-lhe um perfil histórico.

[Parcialmente aproveitada em *Província*, p. 55, sob o nome “O Aleijadinho” A edição Aguilar suprimiu-a, alegando que a matéria foi aproveitada *ipsis litteris* em outras obras de M. B. Realmente, as informações são aproveitadas ou no *Guia de Ouro Preto* de 1938 (Aguilar, II, 805) ou em *Crítica de artes*, cuja edição original não consegui localizar, mas que na Aguilar está em II, 1329.]

BELO HORIZONTE 9 set. 1930

O cronista entusiasma-se diante de Belo Horizonte, cidade que “não conseguirá nunca eliminar a paisagem do seu quadro urbano.”

O DESPEITO DAS MISSES

13 set. 1930

A propósito da eleição de Yolanda Pereira como Miss Universo, o cronista faz considerações sobre o ressentimento dos derrotados em certames internacionais de qualquer natureza.

REFLEXÕES SOBRE O POETA AUGUSTO FREDERICO

SCHMIDT 20 set. 1930

A “intensa dramaticidade”, o “efeito encantatório das repetições”, e a “indeterminação do tempo e espaço” como traços caracterizadores da poesia de A.F.S.

[Integralmente aproveitado em *Província*, p. 139, e na Aguilar, p. 179, sob o nome “Augusto Frederico Schmidt”]

O NOSSO GRANDE PIANISTA

27 set. 1930

Elogios às interpretações de Sousa Lima e repreensões ao gosto conformista do público carioca.

UMA ANTOLOGIA DE POETAS BRASILEIROS

4 out. 1930

Sobre *Nueve poetas nuevos del Brasil*, antologia do peruano Enrique Bustamente y Ballivián, e que inclui: Gilka Machado, Cecília Meireles, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira, Murilo Araújo, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Ribeiro Couto e Manuel Bandeira.

O 24 DE OUTUBRO QUE EU VI

3 nov 1930

O cronista depõe sobre o movimento de navios na barra da Guanabara e sobre o regozijo popular durante os dias da revolução.

REIS VAGABUNDOS

8 nov 1930

Os expedientes de um malandro para sobreviver.

[Integralmente aproveitada, com o mesmo nome, em *Província*, p. 179, *Flauta*, p. 21, e Aguilar, p. 203.]

MURILO MENDES

29 nov. 1930

O humor e a reinvenção lírica do mundo na poesia de M. M. [A propósito do lançamento de *Poemas*, editado em Juiz de Fora.]

VIVE AINDA.

6 dez. 1930

O entusiasmo popular pela deposição de Washington Luís reflete-se na repetição constante do hino “João Pessoa”

GOLPE DO CHAPÉU 13 dez. 1930

Um cavalheiro elegante perde seu chapéu numa noitada em casa de prostitutas.

[Integralmente aproveitada, com o mesmo nome, em *Província*, p. 183, *Flauta*, p. 18, e *Aguilar*, p. 205]

PRESENTE! 20 dez. 1930

Necrológio para Silva Ramos, ex-professor do cronista no Pedro II.

[Integralmente aproveitada, com o mesmo nome, em *Província*, p. 127, e *Aguilar*, p. 173.]

NO MUNDO DE PROUST 25 dez. 1930

A intensa “ilusão de vida” que os personagens proustianos transmitem ao leitor.

[Integralmente aproveitada em *Província*, p. 261, e *Aguilar*, p. 253]

SUICIDAS 3 jan. 1931

Reflexões irônicas sobre os suicidas e sobre a exploração jornalística de que são vítimas.

[Aproveitamento integral na *Aguilar*, p. 321.]

MESTRE MÁRIO DE ANDRADE 10 jan. 1931

Para o cronista as múltiplas atividades de Mário de Andrade caracterizam-no como um “abridor de picadas”

[Sob o título “Mário de Andrade”, aproveitamento parcial em *Província*, p. 137, *Flauta*, p. 24, e *Aguilar*, p. 183]

ANTINUDISMO 17 jan. 1931

Contra o moralismo policial que interveio nas praias. As vantagens do banho de sol.

[Aproveitamento integral em *Andorinha*, p. 355, sob o título “De nudez na praia”]

RETIRADA DA RÚSSIA 24 jan. 1931

A propósito do retorno de Sérgio Buarque de Hollanda da Alemanha onde permanecera por dois anos, o cronista lamenta que o viajante não tenha ido à Rússia, de onde poderia ter trazido uma visão isenta e digna de confiança.

GRAÇA ARANHA 31 jan. 1931

Necrológio para Graça Aranha.

[Integralmente aproveitada em *Província*, p. 131, *Flauta*, p. 140, e *Aguilar*, p. 176.]

POESIA NATIVA PLATENSE 1 ago. 1931

Noticiando a visita de Ildefonso Pereda Valdéz, o cronista comenta a poesia épica argentina.

[Integralmente aproveitado em *Andorinha*, p. 331]

O SALÃO DE 1931 15 ago. 1931

A propósito da organização do Salão, o cronista elogia a atitude democrática de quem o preside: Lúcio Costa. E faz comentários também sobre seu nacionalismo.

RIBEIRO COUTO 22 ago. 1931

Sobre a incessante atividade de Ribeiro Couto como divulgador de nossa literatura no estrangeiro.

IMPRESSÕES DE ESTRANGEIROS 29 ago. 1931

Lamentando a inexistência de revistas culturais brasileiras, o cronista comenta a excelência de congêneres sul-americanas, e da argentina SUR, dirigida por Victoria Ocampo, destaca dois artigos referentes ao Brasil: um do uruguaio Jules Supervielle e outro do americano Waldo Frank.

O “SALÃO” DOS TENENTES 5 set. 1931

O sucesso do Salão (38a. Exposição Geral de Belas Artes) dirigido por Lúcio Costa. Ênfase sobre a participação paulista, sobretudo a de Anita Malfatti.

BRASIL, DAMA ORIENTAL 26 set. 1931

Tomando como pretexto a visita de Paul Morand ao Brasil, o cronista ironiza nosso ufanismo e os primeiros sintomas reacionários da Revolução de 30.

CANDOMBLÉ 3 out. 1931

Uma sessão de candomblé “na rua Bambina”

[Integralmente aproveitado, com alterações ligeiras, em *Província*, p. 191, *Flauta*, p. 15, e *Aguilar*, p. 210.]

BELAS ARTES

10 out. 1931

O cronista esbraveja contra o afastamento de Lúcio Costa da Escola Nacional de Belas Artes e deixa entrever desconfiança quanto aos propósitos revolucionários de 30.

A NOVA GNOMONIA

17 out. 1931

Os quatro tipos fundamentais, segundo a “nova gnomonia”: os Dantas (desprendidos e “indiferentes ao sucesso da vida”); os Kernianos (“impulsivos por excelência”); os Mozarlescos (os ingênuos); e os Onésimos (que não encontram “nunca uma finalidade na vida. [] Em geral os humoristas são Onésimos.”)

[Integralmente aproveitada em *Província*, p. 173, *Flauta*, p. 48, e *Aguilar*, p. 199.]

O imediatismo da crônica condenou-a ao limbo. A Crítica tem certo pudor em acercar-se desse gênero que, no Brasil, marcou seu território e se impôs como alternativa jornalística para o poeta ou o romancista. Sem se apegar a categorias rígidas, a crônica balança entre o documental e o ficcional, atingindo ou não aquele status de “literariedade” de que falam os formalistas russos (8). Nasce talvez dessa ambigüidade entre o factual e o ficcional o receio da crítica em se pronunciar abertamente sobre esse gênero, uma vez que ele trairia, no fundo, uma suspeita funcionalidade: ou a do posicionamento direto do autor frente ao cotidiano ou — o que parece ser um preconceito mais grave do intelectual — a de que o autor a escreve para ganhar mais dinheiro.

Venha de onde vier a prevenção, o que importa é que já parece chegado o momento de se dar maior atenção a esse tipo de produção literária se quisermos configurar de forma mais realista e adequada o trabalho literário de um autor e também suas relações de dependência econômica num contexto social sempre pouco propício à produção intelectual (9). Em que medida, por exemplo, a vasta produção crônica de Olavo Bilac, na *Gazeta de Notícias* carioca, teria sustado sua poesia? Qual o nível de interferência, implícita ou explícita, das crônicas de Mário em seu estafante apego à caneta? Em que medida a

(8) — Num texto de caráter mais teórico, já cuidamos desse assunto. Ver: “Ambigüidade da crônica: Literatura ou Jornalismo?”. *Littera*, Rio, n.º 12, Outubro de 1974.

(9) — O próprio Bandeira explicitou as contingências desse tipo de colaboração jornalística. Segundo Stefan Baciú em *Manoel Bandeira de corpo inteiro* (Rio, José Olympio, 1966. p. 74), o cronista confessou: “De todas as três vezes [em que escrevi crônicas] levei vida apertada, a colaboração era semanal, eu ia adiando a tarefa até a véspera, chegava o dia e eu acabava garantindo qualquer coisa em cima da perna, uf! e respirava aliviado.”

visão despolicuada do cotidiano é homologada pela formulação novelística ou poética? Quais as preferências temáticas do cronista e como se filtram elas em seus textos teoricamente mais cuidados? Qual o grau de perspicácia de observação que, eventualmente, possa nos auxiliar na reconstrução de uma realidade histórica?

Essas são algumas das perguntas que nos colocamos e ao fazê-las estamos pensando seriamente na possibilidade de se compor um painel individual e coletivo que não se deixe dominar pela exclusividade do social, nem do texto enquanto objeto absolutamente autônomo.

Em 1966, Manuel Bandeira comemorava 80 anos de vida e 60 de literatura. Em homenagem, a José Olympio editou, além de *Andorinha, andorinha* e *Estrela da vida inteira*, um estudo de Stefan Baciú, *Manuel Bandeira de corpo inteiro*, onde há um capítulo dedicado R crônica. O crítico romeno divide-a em cinco categorias:

- 1 de costumes e de paisagens;
2. de crítica de arte;
- 3 de memórias;
4. de viagens;
- 5 de teor ficcional.

Nos limites estreitos de uma comunicação como esta não cabe argüir essa proposta de divisão. Quando muito, se poderia apontar a mescla indevida entre critérios temáticos e técnicos. A nosso ver, na etapa provisória do estudo em que nos situamos agora, a distribuição desse gênero, se é que tem de ser feita, deveria atender antes à especificidade da lingüagem. Nesse caso, a tarefa seria determinar a adesão do cronista a um fato histórico qualquer e, portanto, ver em que medida esse cronista responde à vocação primordial do gênero. Ou, verificando-se a prioridade do imaginário, examinar o descompromisso com a realidade imediata, rebatida para plano muito secundário e tomada apenas como ponto de partida.

Se jogarmos com essas duas categorias estreitas do “histórico” e do “imaginário”, não vacilaremos em afirmar que nessas crônicas de Bandeira para o DN, o “imaginário” perde fragorosamente. Das 40 crônicas publicadas, apenas três subordinam-se ao exercício da imaginação: “O morro em polvorosa” (31 mai. 1930), “Reis vagabundos” (8 nov 1930) e “Golpe do chapéu” (13 dez. 1930) Aparentemente, a reação a essas crônicas deve ter sido muito positiva, pois no *Itinerário de Pasárgada*, Manuel lembra que elas “deram a alguns amigos meus a impressão de que eu poderia escrever contos e romances” (10) Entretanto, aos 45 anos e em pleno viço intelectual, Ma-

(10) — BANDEIRA, Manuel — *Itinerário de Pasárgada*, p. 95.

nuel Bandeira parecia não estar preocupado o mínimo com produção ficcional para os jornais. Grosso modo, sua orientação era a de afirmar certos traços de nacionalidade cultural, o reconhecimento de valores pretéritos e a pertinência das proposições modernistas. Sem des-cambar para posições radicais, Bandeira usava o DN como veículo de ensinamento e de divulgação e talvez não fosse excessivo encaixar sua colaboração no jornal paulista dentro de outra confissão: “Fiz parte da tropa de choque que defendeu, apregoou e procurou explicar a arte nova de músicos, pintores, escultores e arquitetos modernos.” (11) Sem ser programático, o cronista disseminava aos pouquinhos certos elementos que viriam a tomar coloração ostensiva na segunda etapa do Modernismo, a dos anos 30: a afirmação dos elementos nacionais de nossa cultura.

(11) — Id. *ib.*, p. 98.